



MACHADO E O CAFÉ: a expansão da cafeicultura no município de Machado (1870-1920)

Juliano de Melo GREGÓRIO¹; Isaac Casemiro RIBEIRO²

RESUMO

Os primeiros pés de café em Machado foram plantados na década de 1860, em sintonia com a expansão da cafeicultura que atingia o Sudoeste de Minas. Após esse período, os produtos exportados pela região passaram a ter origem majoritariamente agrícola, em vez de pecuária. Essa transformação deveu-se à expansão da cafeicultura em larga escala, voltada para os mercados internacionais. Este trabalho tem como objetivo investigar a expansão da cafeicultura em Machado, os níveis de produção e o impacto na distribuição e composição da riqueza herdada no município. Serão analisados inventários de bens (pós-morte e partilhas) elaborados no município entre 1870 e 1920. Pretende-se compreender melhor como a cafeicultura influenciou a formação social da cidade de Machado e seus vínculos com a economia regional e nacional.

Palavras-chave:

História Social; Agroexportação; Níveis de Riqueza

1. INTRODUÇÃO

Quando a colonização das Minas Gerais começou, o café era uma planta pouco conhecida no Brasil, sendo introduzida apenas como uma planta ornamental no Estado do Grão-Pará e Maranhão a partir de 1720 (Marquese & Tomich, 2015, p. 34). A atração migratória para a região do Sul de Minas se deveu mais às terras “devolutas” de baixo custo do que às jazidas de ouro recém-descobertas. A grande extensão de terras disponíveis, junto com a proximidade com São Paulo e Rio de Janeiro, fez com que muitos migrantes se dirigissem para o entorno, especialmente após o declínio da extração aurífera. Em fins do século XVIII, a demanda por produtos agropecuários aumentou, impulsionada pela recuperação da economia açucareira na América Portuguesa após a Revolução Haitiana, o que também estimulou o cultivo de café na região em torno do Rio de Janeiro.

A independência do Brasil em 1822 trouxe novas oportunidades econômicas, e o café se tornou uma importante aposta para o Império Brasileiro (Marquese & Tomich, 2015, p. 21). Durante quase um século, o café dominou as exportações do país, sustentando tanto o Império quanto a Primeira República. Somente após 1930 houve tentativas de diversificar a economia brasileira. No Sul de Minas, especialmente na Comarca do Rio das Mortes e em cidades como São João del-Rei e Campanha, a economia era voltada para a produção agrícola e pecuária, durante grande parte do século XIX. Contudo, a partir da década de 1860, a cafeicultura começou a se expandir significativamente no Sul de Minas, impulsionada pelo aumento da demanda internacional e pela melhoria das condições de transporte, especialmente com a construção de ferrovias. O transporte ferroviário reduziu os custos e possibilitou a viabilidade econômica da produção para exportação. Em

¹ Bolsista PIBIC/CNPq, IFSULDEMINAS – *Campus* Machado. E-mail: juliano.gregorio@alunos.ifsuldeminas.edu.br

² Orientador, IFSULDEMINAS – *Campus* Machado. E-mail: isaac.ribeiro@ifsuldeminas.edu.br

fins do século XIX, a chegada de ferrovias como a Mogiana (1875), no Oeste Paulista; bem como a “Minas-Rio” (1884), em Três Corações, facilitou a comercialização do café, tornando a produção em áreas como Machado mais rentável.

Nesse contexto, o presente texto tem o propósito de apresentar um relato de pesquisa preliminar do projeto “Machado e o café: a expansão da cafeicultura no município de Machado (1870-1920)”, que tem como principal objetivo analisar a introdução e expansão da cafeicultura em Machado, Minas Gerais, e seu impacto na formação social e econômica da região. A pesquisa se concentra em três aspectos principais: a transformação da economia local com o advento da cafeicultura, a análise dos níveis de produção de café e a distribuição da riqueza herdada no município. O estudo examinará inventários de bens, incluindo registros de propriedades e cafezais, entre 1870 e 1920. A investigação busca compreender como a cafeicultura influenciou a estrutura social e econômica de Machado, bem como suas conexões com a economia regional e nacional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante a segunda metade do século XIX, a expansão da cafeicultura no sudeste de Minas Gerais coincidiu com uma fase de intensa industrialização global. Países como Alemanha, França e, especialmente, os Estados Unidos, estavam desenvolvendo suas indústrias, o que levou a um aumento na produção de bens de capital e uma crescente demanda por matérias-primas e alimentos. Esse cenário estimulou a exploração mais intensa de áreas periféricas da economia capitalista e a expansão das fronteiras agrícolas, o que incluiu a intensificação da produção de café em regiões antes menos exploradas (Hobsbawn, 2003).

O aumento da demanda por café, alimentado pelo crescimento das cidades e pela expansão da indústria, fez com que o café deixasse de ser um artigo de luxo e se tornasse um produto de massa, com grande parte da produção vindo do Brasil, o maior produtor mundial. A primeira onda cafeeira nacional começou no Vale do Paraíba Fluminense e Paulista na década de 1830, mas a produção começou a declinar por volta de 1870 devido à exaustão ecológica regional. Nesse período de alta demanda internacional, outras regiões do Brasil, como a Zona da Mata Mineira e o Oeste Paulista, começaram a se destacar na produção de café. A pesquisa sobre a introdução e expansão da cafeicultura em Machado entre 1870 e 1920 busca compreender como essa cultura moldou as bases econômicas e políticas da região durante a transição para a Primeira República; contribuindo, portanto, para um debate mais amplo a respeito da história nacional, a partir da atuação de agentes locais e regionais.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para o estudo da riqueza em Machado entre 1870 e 1920, estão sendo empregadas

metodologias de história econômica, social e quantitativa, com foco na análise dos inventários *post-mortem* disponíveis. A coleta de dados está sendo realizada a partir da transcrição dos montes-mores (brutos e líquidos) e da soma das categorias de bens registrados nos inventários. Esses documentos foram originalmente arquivados no fórum de Machado e posteriormente digitalizados e disponibilizados online pela "Coordenação de Arquivo Permanente" (COARPE) do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), com a colaboração do site FamilySearch (FS). O catálogo online da COARPE inclui 584 inventários para o período de estudo, e grande parte já foi digitalizada³.

Por sua vez, cabe destacar que os inventários *post-mortem* são fontes valiosas para a pesquisa histórica, especialmente ao se estudar dados socioeconômicos do Brasil no século XIX e início do século XX, devido ao seu detalhamento sobre a composição da riqueza e as condições econômicas de indivíduos e famílias da época. Esses documentos, elaborados após o falecimento de uma pessoa, listam de forma minuciosa todos os bens e propriedades deixados, incluindo imóveis, móveis, terras, escravos e outros ativos.

Além disso, os inventários *post-mortem* fornecem informações sobre a sociedade e a economia regional, refletindo as condições locais e as dinâmicas de mercado. Eles ajudam a entender a importância relativa de diferentes setores econômicos, como a cafeicultura, e a relação entre riqueza e status social. Espera-se compreender melhor o impacto da cafeicultura na formação social da cidade de Machado, e seus vínculos com a economia regional e nacional, comparando os resultados da pesquisa com outros trabalhos que versaram sobre o tema para regiões distintas. Como exemplo podemos citar o trabalho de João Lucas Rodrigues (2023), estudo pioneiro para a região, que investigou a expansão da lavoura de café em municípios próximos da fronteira, em Guaxupé e seu entorno, entre 1880 e 1930 (Rodrigues, 2023).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os inventários selecionados para o estudo estão sendo computados em um banco de dados desenvolvido com o Microsoft Access. Optou-se por essa tecnologia devido à sua relativa simplicidade de uso, ou seja, por não exigir conhecimentos avançados em desenvolvimento de sistemas e programação. Isso facilita a eventual utilização do sistema por outros pesquisadores.

O banco de dados utilizado na pesquisa foi modelado com oito entidades que abrangem as informações gerais de cada documento, como a data de abertura e os nomes dos inventariantes e inventariados, além das categorias dos bens arrolados, como móveis, semoventes e dívidas ativas. A soma dessas categorias permitirá definir a composição da riqueza local e inferir o impacto econômico do desenvolvimento da economia cafeeira na região.

³ O acervo de inventários utilizados na pesquisa pode ser consultado através da plataforma FamilySearch, disponível em: <<https://www.familysearch.org/pt/>>, acesso em 31 out. 2024.

Atualmente, o banco contém 56 inventários de Machado, com um monte-mor médio de 22.764\$221 contos de réis. Dentre esses, 7 documentos fazem referência ao cultivo ou comércio de café na localidade, listando lavouras ou estoques do produto. No entanto, a maioria dos inventários apresenta valores significativamente superiores à média: 5 deles, dos quais 4 ultrapassam 120.000\$000 contos de réis!

A partir desses dados, é possível inferir que os primeiros investimentos no setor cafeeiro em Machado foram realizados por agentes pertencentes aos estratos mais abastados da sociedade local. Em que pese ainda não ter sido possível determinar a representatividade percentual dos bens relacionados à cafeicultura em relação à riqueza total, é razoável supor que os investimentos vieram desses grupos sociais, devido ao ciclo produtivo do café, que requer mais tempo e recursos para a colheita.

5. CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, o estudo da introdução e expansão da cafeicultura em Machado entre 1870 e 1920 poderá revelar a profunda transformação econômica e social que a região experimentou durante esse período. Destacando como a cafeicultura, impulsionada pela demanda internacional e pela melhoria das condições de transporte, especialmente com a construção de ferrovias, tornou-se um pilar essencial para a economia local e nacional. A análise dos inventários *post-mortem*, com sua riqueza de detalhes sobre a composição da riqueza e a estrutura econômica, irá proporcionar uma visão concreta sobre o impacto do cultivo do café, evidenciando que os investimentos iniciais vieram majoritariamente dos estratos mais abastados da sociedade.

Enfim, este estudo não apenas contribuirá para a compreensão da economia cafeeira de Machado, mas também oferece uma perspectiva mais ampla sobre as dinâmicas sociais e econômicas do Brasil no século XIX, enriquecendo o debate sobre a formação e desenvolvimento das economias regionais e nacionais.

REFERÊNCIAS

MARQUESE, Rafael de Bivar; TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In: Mariana Muaze; Ricardo Salles. (Org.). *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão*. 1ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, v. 1, p. 21-56.

HOBBSAWM, Eric. J. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

RODRIGUES, João Lucas. *O café no Sudoeste Mineiro: terra, trabalho e acumulação (1880-1930)*. (Tese de Doutorado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2023.